

A Energia da Criação

POR SILVIA DE PAULA¹

Eve Doe Bruce, atriz do Théâtre du Soleil, mora há 26 anos na Cartoucherie de Vincennes, que, desde 1970, funciona como espaço de trabalho do grupo em Paris e foi fundada por Ariane Mnouchkine, diretora de teatro e cinema. Em duas de suas visitas ao Brasil, tive a oportunidade de participar de suas oficinas e entrevistá-la.

Eve, de energia ímpar, envolve a todos em sua prática, de forma intensa e mágica. “Treinar é fundamental”, diz ela, referindo-se ao treinamento como um universo de exercícios e estudo sobre si mesmo, o outro e o todo. E complementa: “Por isso, teremos dias de muito esforço físico e mental. Quero a verdade, a entrega, a energia e a pontualidade,” princípios que nortearam o desenvolvimento do trabalho do ator durante os dez dias da oficina Energia da Criação, realizada no Galpão do Folias, entre os dias 08 e 19 de junho de 2015.

Interessada em aprofundar minha pesquisa sobre jogos teatrais que ativem a liberdade criativa do ator, mergulhei nessa experiência por duas semanas, em um grupo de quase quarenta pessoas. Todos os dias, exercitávamos o corpo, a mente e alimentávamos o espírito. Pela manhã, quando o grupo chegava, seus integrantes se aqueciam, procurando estabelecer o silêncio, a concentração e a escuta, premissas importantes para a prática de Eve. Ela dava continuidade ao aquecimento com propostas

1. Professora do Teatro Escola Macunaíma e mestrando do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da ECA/USP.



MICHÈLE LAURENT

Eve Bruce ao centro, em cena do espetáculo Macbeth, dirigido por Ariane Mnouchkine e apresentado pelo Théâtre du Soleil em 2014.

individuais e, depois, coletivas, ora conduzidas por ela mesma, ora por alguém do grupo. Assim, iniciávamos os encontros com dança e percepção do corpo, do espaço e do grupo. E ela, maestralmente, foi construindo uma concepção de coro e estabelecendo um vocabulário comum a todos, relacionado à ideia de *essemble* (estar junto), de ritual e de energia.

Eve trabalha, na prática, com a noção de que o ator sempre tem algo a apresentar e que deseja apresentar, presenteando a plateia. Ela acredita na troca, na observação, na reflexão e no treinamento intensivo. Cada cena suscitava uma análise, uma forma de construir um pensar e atuar no exercício do entendimento da verdade cênica. Assim, ela estabelecia sua filosofia de trabalho. Quando Eve apontava alguma questão sobre as cenas apresentadas, logo o espaço para contribuição era aberto, o espaço para quem quisesse entrar no lugar de quem estava apresentando. E isso porque ela acredita que fazendo você presenteia o outro mais do que falando o que ele deve fazer. Essa prática é uma constante em suas oficinas.

Mesmo nos aquecimentos, ela nos cobrava a vida no que fazíamos: “Teatro é para quem?”, perguntava ela, acrescentando:

Busquem a base, sejam simples, verdadeiros, vivam o que recebem. O que propuserem ao espaço, o espaço lhes devolverá. Recebam do outro, percebam o que isso lhes causa, estabeleçam a relação com o público e estejam abertos. Não mostrem, vivam; não ilustrem, joguem. O público precisa ver o que acontece, o ator não explica o que faz. É preciso saber quem você é, o que faz, por que faz, onde está, o que acontece. É preciso não ser global e, sim específico.

No último dia de oficina, tive a oportunidade de entrevistá-la sobre temas que me marcaram durante a experiência dos encontros. Seguem abaixo alguns trechos da conversa.

SILVIA DE PAULA – Você tem algum ritual como atriz?

Eve diz não ter, pois cada criação exige um ritual próprio.

EVE DOE BRUCE – A cena já é um lugar sagrado, porque nela acontecem transformações e revelações.

Gabriela Rabelo, sua tradutora, complementa:

GABY – Para ela, todo trabalho é sagrado e o que a acompanha são sempre os mesmos princípios. Não importa se dando aula, atuando, dirigindo, ou produzindo, os seus princípios são: pontualidade, seriedade, energia, entrega total e respeito. Esses princípios permanecem com ela em todas as situações de trabalho e não só no teatro.

SILVIA – Quais são as etapas preponderantes para a formação de um ator? O que é fundamental?

EVE – Escuta e humildade. Silêncio. Vivemos em um mundo ruidoso, obrigados a uma conexão incessante. O ruído, muitas vezes, nos impede de sermos espontâneos.

Por isso, em suas oficinas, Eve impõe o silêncio como respeito aos nossos pensamentos, ao trabalho do outro e ao espaço; silêncio para haver escuta e, assim, contribuir com a liberdade criativa.

SILVIA – Qual a função do teatro para você? Essa experiência te traz qual percepção do mundo?

EVE – O teatro não é uma arte solitária. Ele viabiliza a percepção do humano e de que o ser humano tem nele tantas possibilidades. É nisso que acredito. Pouco importa de onde você vem, a sua cor ou quem você seja. O importante é o seu desejo da arte, o seu desejo de criar arte e de ultrapassar.

SILVIA – Quem são seus mestres?

Eve respira fundo e, já cansada de um dia intenso de trabalho nas duas oficinas – manhã e tarde –, responde:

EVE – Meus mestres são meus alunos, amigos, grandes atores, as pessoas que encontro, o mundo, a vida.

SILVIA – Qual o espaço de Stanislávski na sua vida?

EVE – Muito importante. Ele, nos seus últimos escritos, fala de coisas fundamentais para o teatro, como: Ação Física, Circunstâncias... Foi um homem que caminhou no teatro e criou um caminho no teatro, um homem que viveu à frente do seu tempo.

SILVIA – Em que momento da vida aconteceu a sua escolha pelo teatro? Quantos anos você tinha? O que te marcou desse momento? Você mudaria essa escolha?

EVE – Não teria sido outra coisa. Isso faz parte do meu caminho e seria preciso ser outra pessoa para escolher outra coisa. Não existe um momento específico, uma série de acontecimentos. Desde a escola primária, eu fazia teatro e era uma atividade que me dava prazer. Era um espaço de liberdade, em que eu podia ser tudo, condutora de trem, cirurgiã, astronauta, mas não obrigada a fazer matemática. Era perfeito. E eu adorava fazer os amigos rirem na escola. Naturalmente, eu continuei essa atividade que me dava prazer.

SILVIA – Como é ter múltiplas funções: atriz, professora, diretora?

EVE – Cada trabalho é uma aventura em evidência. Como posso explicar isso? Não são decisões que fui tomando, como, por exemplo, mudar de casa. Tudo foi acontecendo e eu fui abraçando. Caminhos que segui e tive vontade de continuar neles. Era encontrar o lugar e as pessoas que tinha vontade de trabalhar. E eu tive a sorte de encontrar rapidamente.

SILVIA – Como é a sua arte como espectadora?

EVE – Sou a espectadora ideal. Eu adoro teatro e ver espetáculos, adoro que me contem histórias

para que eu fique emocionada, tocada com aquilo. Fico maravilhada com os atores no palco, com os diretores, a natureza, e fico encantada pela multiplicidade, a riqueza incrível de coisas que nunca teria pensado.

SILVIA – O que é fundamental para o professor formador?

EVE – Onde começa e termina o trabalho? Estamos aqui, agora, depois de um dia inteiro de oficina, e continuamos trabalhando em pensamentos e reflexões sobre o que fizemos e o que queremos fazer. Não existem limites.

Eu posso também responder a essa pergunta pelo o que pude observar de Eve. É fundamental conhecer e desejar compartilhar esse conhecimento, com o mais profundo amor pelo que se faz. Sua entrega é linda, intensa, inteira, apaixonante. Ser firme e afetiva, precisa e flexível, contagiar e construir saberes sem, nem ao menos, imaginar a potência de suas palavras e da energia compartilhada.

SILVIA – Como impulsionar a liberdade criativa dos atores?

EVE – Os atores é que têm essa resposta, pois a resposta deles pode ser mais interessante do que a minha. Acredito que o professor espere, mas nunca poderá saber. Quando acontece, é uma felicidade enorme ver. É um caminho trilhado junto, é um prazer poder acompanhar e abrir portas. O professor deve sempre ter a esperança de que é uma porta e que ela pode ser aberta em conjunto.

SILVIA – Quem é Eve Doe Bruce?

EVE – É muito difícil definir. Quem pode responder são vocês, pelo convívio na oficina, ou os outros. *Como sugerido por Eve, os depoimentos a seguir tentam apresentá-la pelos olhos de quem a acompanhou durante os intensos dias de sua oficina:*

SUZANA ARAGÃO (atriz e integrante do grupo)



MICHÈLE LAURENT

Eve Bruce à direita, em cena do espetáculo Macbeth, dirigido por Ariane Mnouchkine e apresentado pelo Théâtre du Soleil em 2014.



MICHÈLE LAURENT

Eve Bruce com o ventilador nas mãos, em cena do espetáculo Les Naufragés du Fol Espoir (Os Náufragos da Boa Esperança), dirigido por Ariane Mnouchkine e apresentado pelo Théâtre du Soleil em 2010.

Folias d'Arte) – A Eve é uma atriz e uma mestra que respira teatro. Ela fala com paixão do seu grupo, o Théâtre du Soleil, como se tivesse começado ontem. Ela não te deixa perder tempo em cena. Se não há nada, saia, reveja a cena. Ela te ensina a amar o teatro para além de si mesmo. Porque a cena é o mais importante, porque o público é mais importante. Sem estado verdadeiro e coerente com o que a cena pede, não há nada que te sustente. O prazer do ofício deslocado do ego e apoiado no treino diário e constante. A noção real de generosidade, que não é uma “bondadezinha” para com os colegas de trabalho, mas sim o rigor e a precisão com a cena, que é soberana e indiscutível. Ela oferece, nas oficinas, uma metodologia clara, eficiente e amorosa. É notório o seu prazer quando um aluno alcança o que falta. Prazer de jogadora, de quem chuta a bola, sem dó, no campo. Tesão não é cristão, portanto o gozo vem do exercício diário de alçar outros voos. Enfim, para não redundar, ela é uma atriz e mestra sem medo, na profundidade que ambas as funções evocam.

HÉVELIN GONÇALVES (*atriz e professora de teatro*) – Conheci a Eve quando ela veio ministrar uma oficina para atores no Galpão do Folias, no ano de 2013. Foi, para mim, uma experiência muito tocante e fantástica, tanto na arte de atuar quanto no sentido de humanizar, de estar com o outro, estar junto. A oficina proporciona uma atenção extremamente cuidadosa com o parceiro de cena, é necessário estar sempre em prontidão para o jogo. Dentro ou fora de cena, todos executam um papel importante, seja como um observador – preparado para entrar a qualquer momento –, seja o cortineiro, seja quem está em cena, o outro é importante, tudo tem que ser feito com cuidado e extrema dedicação. A palavra chave é: escuta. “Estar em cena é questão de vida ou morte”, uma expressão usada pelo Théâtre du Soleil, que ouvi em várias oficinas que fiz com eles ao longo desses dois anos. Foi uma experiência incrível, de um profundo aprendizado sobre a expressão do sentimento humano através do corpo e de seus estados emocionais. O trabalho com o estado é uma das premissas do Soleil, o estado em que

se entra em cena, a necessidade da clareza desse estado. Isso é algo que exige do ator uma escuta forte de si e do outro. Sem escuta, o jogo fica prejudicado, frágil, se perde. Depois dessa primeira oficina no Folias, a Eve começou a vir mais vezes para o Brasil. Em uma dessas vezes, ela deu uma oficina de Máscaras Balinesas, juntamente com a Fabianna de Mello e Souza, que também foi atriz do Soleil por dez anos e hoje é diretora da Cia. dos Bondrés. Foi uma oficina espetacular, de uma linguagem rica em gestos, sinais e de muita leveza; além da percepção de que é necessário brincar ou como eles dizem: “trabalhar o músculo da imaginação”, viajar, ver em cada história uma grande aventura. E, de fato, assim foram as oficinas: uma grande aventura. Víamos a evolução de cada um ao se familiarizar com a linguagem, tudo feito de forma a ser nutrida, um trabalho extremamente prazeroso. Hoje, além de aplicar o que consigo no meu trabalho de atriz, exercito o aprendizado dessas experiências junto a crianças de sete a treze anos, e dá muito certo, elas adoram. Ano passado, até levei alguns dos meus alunos para assistir a um dia de curso com a Eve. Foi muito legal, alguns chegaram a participar de um exercício. Esse dia ficou gravado na memória deles e ainda comentamos sobre isso até hoje. E sempre que uma oficina da Eve acaba, surge a pergunta de quando ela vai voltar. E sempre esperamos que em breve.

RENATA KAMLA (*pesquisadora, diretora teatral e professora do Teatro Escola Macunaíma*) – Entende-se o real significado da palavra experiência quando se vive uma. Durante dez dias de encontros intensos com Eve Bruce, foi o que vivi: uma experiência! Fui impulsionada pelo desejo de me fazer invisível, uma artista em busca de alimento e renovação, queria deixar de ser “a professora”, “a diretora”, “a atriz”, deixar de lado minhas referências artísticas e acadêmicas, títulos e currículo... Queria resgatar o prazer apenas de estar em jogo no palco. Voltei a viver as mesmas ansiedades e o nervosismo de iniciante, de aprendiz. Ah! E como é bom estar nesse lugar. Aprendi, entre outros valores, que não somos compartimentados, mas, sim, a junção de tudo.

Percebi o valor e a grandeza do trabalho coletivo. Tudo é realizado coletivamente, com o outro e para o outro, as funções são rodiziadas inúmeras vezes e todas elas têm a mesma importância e delicadeza. A delicadeza do encontro e das relações, o sair de si para se perceber na organicidade do grupo, esse foi o maior presente recebido. Compartilho a ideia de Josette Féral de que: “a arte do ator é a de servir, mas com determinada cerimônia, servir seu corpo e sua alma ao público por meio do espetáculo, para que dessa maneira a experiência estética ganhe dimensão”². Infelizmente, este pensamento é extremamente contraditório ao tempo político, social e artístico em que vivemos, onde o individualismo, a inflexibilidade, e as relações egóicas insistem em protagonizar.

Eu, Silvia de Paula, posso dizer que cada encontro me proporcionou uma descoberta, novos desafios, como o desnudar-se frente aos meus medos, anseios e desejos. Sabiamente, Eve transita entre os comandos do trabalho coletivo, generosa, participativa e envolvente. Os princípios ficam claros: todos contribuem em todas as vertentes do processo, onde tudo é transitório e importante em sua função de ser.

Ela esclarece os princípios fundamentais a cada exercício experienciado e aponta que a falta de concentração impede a precisão e a interação.

O teatro, para ela, vai além da técnica: precisa de jogo. O público precisa ver o que acontece e não ouvir a explicação do ator. A falta de imaginação, ela acredita, é um problema no teatro. A dificuldade que o ator tem em levar os exercícios para a cena é decorrente da falta de escuta, de percepção do espaço e dos parceiros. “Onde está o foco da cena?” É preciso olhar para jogar.

Alguns de seus apontamentos durante os encontros valem aqui ser destacados, pois revelam muito de sua concepção sobre o trabalho do ator: “Quando você acredita, o jogo acontece.” “O ator precisa trabalhar o prazer e a alegria.” “O ator tem a obrigação de buscar e, não de acertar.” “O melhor professor é quem faz.”

Assim, concluo que a liberdade criativa está realmente em querer abrir portas, tanto o aluno/ator quanto o professor. Uma porta de cada vez e a seu tempo, mas com impulsos que despertem os desejos omitidos de viajar na imaginação, de se permitir, de escolher a qualidade da presença. O frescor da experiência permanece no fluxo de pensamentos que energizam a prática e transformam os olhares no processo de vida, de descoberta, na teia que é o teatro para mim.

Finalizo aqui com uma frase de Eve que inspira os jovens interessados em teatro: “Ele não sabia que era impossível, foi lá e fez...”

2. FÉRAL, Josette. *Encontros Com Ariane Mnouchkine: Erguendo um Monumento ao Efêmero*. São Paulo: Edições SESC, 2010, p.12



Eve Bruce com as professoras do Teatro Escola Macunaíma e participantes da oficina, da esquerda para a direita: Renata Kamla, Renata Hallada e Silvia de Paula.